

São Paulo, 07 de novembro de 2008.

Prezado Investidor,

É com satisfação que apresentamos os resultados de nossos fundos ao longo do mês de outubro. Em meio a um ambiente de alta volatilidade e baixa visibilidade, nossos fundos das diversas estratégias obtiveram sólidos desempenhos de maneira constante e uniforme ao longo do mês. Tal desempenho foi obtido sem expor nossos investidores a riscos assimétricos e observando uma gestão de risco conservadora. A dimensão dos desafios que foram transpostos pode ser melhor avaliada ao analisarmos a *performance* dos mercados no Brasil e no mundo ao longo deste semestre, e de outubro em particular.

- Os fundos da Estratégia Macro obtiveram desempenho superior ao CDI. O Fundo Quest 30 FIM retornou no mês 122% do CDI e acumula, desde seu lançamento em outubro de 2004, 120% do CDI;
- Representante de nossa Estratégia Trading, o Fundo Quest Iporanga 15 FIM retornou no mês 110% do CDI e acumula, desde seu lançamento em novembro de 2007, 123% do CDI;
- Na Estratégia Long Short o Fundo Quest LS 30 FIM retornou 123% do CDI em outubro e acumula, desde seu lançamento em janeiro de 2007, 164% do CDI. O Fundo Quest Equity Hedge 60 FIM retornou em outubro 244% do CDI e acumula, desde seu lançamento em dezembro de 2007, 121% do CDI; e
- O fundo Quest Ações FIA teve perda de 13,95% em outubro, enquanto o Ibovespa perdeu 24,80%. Desde seu lançamento, em junho de 2005, o Fundo retornou 176,69% versus 43,58% do Ibovespa.

Olhando para o futuro, nossa expectativa é de que as iniciativas tomadas pelo Tesouro Norte-Americano, pelo FED e pelos demais bancos centrais ao redor do mundo, progressivamente farão efeito e os mercados tendem a se normalizar. No entanto, continuamos a esperar alta volatilidade e, conforme nosso cenário macro-econômico descrito abaixo, os riscos permanecem significativos. Não há porque, portanto, alterar a maneira com a qual viemos gerindo nossos fundos.

Atenciosamente,



Walter Maciel Neto
Quest Investimentos Ltda.

Relatório Mensal – Outubro de 2008

1. Cenário Macroeconômico

Em outubro o cenário de recessão global foi incorporado de vez pelo mercado. A crise financeira que havia atingido de maneira mais aguda os países desenvolvidos, se alastrou para os países emergentes, interrompendo o fluxo de capitais e acentuando ainda mais o movimento de fortalecimento do dólar. A intensificação da crise veio acompanhada de maior reação das autoridades, não só dos países desenvolvidos, mas também da maioria dos emergentes e de organismos multilaterais, como o FMI. Medidas de injeção de liquidez, expansão monetária e fiscal foram largamente anunciadas ao redor do mundo para tentar minimizar o impacto recessivo da crise.

Acreditamos que as numerosas iniciativas das autoridades globais começaram a surtir efeito em estancar a piora do mercado monetário, principalmente dos países desenvolvidos, o que, em conjunto com a esperada redução das incertezas após a eleição norte-americana, pode possibilitar certa estabilização das condições globais. Contudo, o dano já causado à economia global torna o cenário das próximas semanas (talvez até de alguns meses) ainda pouco visível, com riscos severos de nova deterioração. A chegada da crise aos países emergentes a partir de setembro tem provocado novas rodadas de redução nas projeções de crescimento global para 2009, que atingem até os países vistos como menos susceptíveis a descontinuidades, como a China. De fato, a perspectiva é de queda de atividade por mais alguns meses e ainda não é possível precisar o momento de inflexão, o que recomenda bastante cautela nos próximos meses.

Como temos destacado nos últimos meses, nosso método de trabalho consiste em definir um cenário base e dois alternativos. Em seguida, identificamos as alocações (e proteções) em cada cenário e pontos de referência (que podem ser econômicos ou financeiros) a partir dos quais podemos nos deslocar entre os cenários. O processo de revisão de cenários é contínuo e desta forma acreditamos sempre ter um roteiro sistemático para nortear as alocações do fundo, especialmente quando há transição entre os cenários.

Não houve alteração das nossas premissas de trabalho em relação à última carta. Mantemos como cenário base (com probabilidade de 50%) uma recessão global moderada nos próximos 6 meses, compatível com queda de 1% no PIB do mundo desenvolvido até o 1º trimestre de 2009 e uma desaceleração importante no mundo emergente, que passará por uma ampla reavaliação de suas perspectivas de crescimento. O balanço de riscos ao redor deste cenário base de recessão global moderada também se manteve: trabalhamos com um cenário alternativo pessimista de aprofundamento da recessão global além da já considerada no cenário base (com 35% de probabilidade) e um cenário otimista de crescimento mundial surpreendendo para melhor, ligeiramente acima do limiar da recessão, em algum momento nos próximos 6 meses (com 15% de probabilidade).

É importante ressaltar que em todos os três cenários a desaceleração da atividade já contratada reduz as pressões inflacionárias e o dilema dos bancos centrais, dando margem de manobra para afrouxamento monetário na maioria dos países, com já tem ocorrido em velocidade inédita. Além disso, em todos os cenários, o dólar tende a se fortalecer. Ainda que a desvalorização cambial possa pressionar a inflação em alguns emergentes no curto prazo (no Brasil inclusive), em um ambiente em que o dólar se fortalece e tendo em conta a desaceleração mundial já contratada e a queda dos preços das commodities, estão dadas as condições para um cenário deflacionista do ponto de vista global.

A magnitude da desaceleração da economia mundial será determinante para o comportamento dos ativos brasileiros. No cenário base, revisamos marginalmente nossa projeção de desaceleração do crescimento econômico brasileiro em 2009 de 3% com viés de baixa para 2,5%. Também revisamos nossa expectativa de taxa de câmbio de R\$2/USD para R\$2,2/USD como nível de referência para 2009, e de inflação para o intervalo entre 5,5% e 6% ante 5,5% anteriormente. Ressaltamos que a queda dos preços de commodities, a desvalorização mais branda do real em relação à cesta de moedas (já que o dólar está se valorizando contra todas as moedas), e a desaceleração global tornam a atual desvalorização cambial diferente das anteriores e, portanto, com consequências muito menos graves para a inflação. Essa percepção, aliada ao agravamento da crise internacional em outubro, inclusive com consequências desestabilizadoras sobre o Sistema Financeiro Nacional, fizeram com que o Banco Central decidisse, acertadamente a nosso ver, manter os juros estáveis na última decisão de política monetária. Acreditamos que no cenário base, o mais provável é que o ciclo de aperto monetário tenha chegado ao fim.

Ressaltamos, porém, que no cenário alternativo de recessão global mais forte, uma queda maior dos preços de commodities, e a conseqüente saída de ativos brasileiros, poderia levar a uma depreciação do real pra algo como

2,5/USD. Neste caso, o dilema do Banco Central se tornaria mais complexo. De um lado ele poderia optar por não subir os juros, acomodar a desvalorização e tolerar mais inflação. Neste caso não é implausível que a inflação fique novamente entre 6% e 6,5% em 2009. Por outro lado, ele poderia optar por alongar o ciclo de juros para ancorar a inflação, mas teria que tolerar uma desaceleração maior da economia. Certamente este cenário reduziria ainda mais a visibilidade da política monetária, com conseqüências negativas para a economia.

2. Estratégia Macro

O mês de outubro foi marcado pela revisão para baixo da expectativa de crescimento dos países emergentes e também de G7. A reação agressiva à crise financeira dos governos dos países desenvolvidos não foi suficiente para evitar um segundo movimento de redução das posições. Naquele momento, a crise passou do estágio financeiro para o fundamento econômico - de menor crescimento mundial. O destaque foi para a perda de valor dos ativos financeiros dos mercados emergentes, bastante correlacionados com o ciclo de crescimento mundial. Tanto a moeda como o mercado de ações tiveram perdas expressivas, devolvendo parte do retorno dos últimos dois anos. A bolsa brasileira no mês de outubro sofreu uma queda de 25% e o real perdeu 11% do seu valor.

A percepção de que as revisões para menor crescimento mundial provocariam uma nova rodada de fortalecimento do dólar fez com que continuássemos adotando uma postura conservadora de risco nos ativos brasileiros. Aliado a isto, as revisões de menor crescimento econômico para a China neste ano e em 2009 adicionaram incerteza para o comportamento das commodities, que sofreram também mais uma grande queda mensal. A bolsa brasileira, com grande componente cíclico global, perdeu um valor expressivo. Neste mercado mantivemos posições relativamente oportunistas, sempre mantendo um pequeno risco vendido nas alocações. Na posições de ações tivemos um retorno de 0,21%. No mercado de câmbio mantivemos a mesma postura do mês anterior, comprada em USD via opções, que obteve retorno de 0,39% em outubro.

Apesar da parada apropriada do ciclo de alta de juros no Brasil, a piora da percepção de risco fez com que as taxas da curva de juros tivessem uma grande elevação. No mês de outubro a disponibilidade de crédito foi bastante reduzida na economia, a ponto do Banco Central decidir parar para observar o impacto disto sobre atividade. Por outro lado, o risco inflacionário da desvalorização do real diminui a visibilidade do balanço de risco entre inflação e atividade. Ainda acreditamos que o risco maior é sobre atividade. Por conta disto, mantivemos uma posição aplicada no juros de curto prazo – que precisava um ciclo de elevação para o próximo ano. Apesar da correção da curva de juros no mês passado, conseguimos nos proteger bastante do movimento de correção.

Olhando para frente, a crise financeira chegou em um nível mais controlado. A resposta dos governos de G7 e EM vem trazendo gradualmente estabilidade sobre o sistema financeiro, que no mês passado esteve inoperante. O risco ainda é mensurar o quanto das projeções de crescimento ainda devem ser revistas para baixo. Vemos que boa parte disto já se reflete nos preço atuais. Neste ambiente de baixo crescimento, a alocação na curva de juros faz sentido. A alocação em bolsa de emergentes ainda é incerta, pois o risco de surpresa de crescimento na Ásia é grande. Porém, vale ressaltar que muito já se reflete nos preços negociados. Para este final do ano, acreditamos que a alocação para Estados Unidos vai ser privilegiada em detrimento dos emergentes. Neste ambiente o dólar continuará uma moeda forte e uma postura mais oportunista permanece como a mais apropriada, porém com visão mais otimista com respeito à crise financeira.

3. Estratégia Trade

Em outubro apresentamos três momentos de performance bastante distintos. A primeira quinzena do mês foi muito eficiente. O susto veio a partir da segunda quinzena do mês, com uma surpreendente aversão a risco para ativos de renda fixa, levando o DI jan/10 a disparar 200 bps entre o dia 22 e 23. Por disciplina optamos pelo stop até que o movimento fosse percebido como completo e a partir daí voltamos a fazer a posição dada dias antes à reunião do Copom.

Em renda fixa o fundo obteve resultados positivos no dólar em figuras de opções com delta comprado, posições compradas de curto prazo e day trades. Nos juros as perdas do stop loss ocorrido no dia 22 pela posição dada (70% oye) foram amplamente compensadas com na posição dada (50% oye) no mesmo vértice jan/10, para a reunião do Copom.

Em renda variável os resultados ocorreram em uma pequena exposição comprada (3% do PL) nos últimos dias do mês.

4. Estratégia Long Only

O mês de outubro foi o pior mês do ano para a bolsa brasileira com queda de 24,8%. Em nossa opinião, três foram os principais fatores a contribuir para este desempenho: (i) cenário de recessão global definitivamente incorporado pelo mercado com revisão de estimativas de crescimento econômico para economias avançadas, mais impactadas pela crise financeira, mas também para economias emergentes, pondo fim ao breve entusiasmo com uma desejada teoria de *decoupling* das economias emergentes, particularmente China; (ii) corolário do item i supracitado, o cenário de recessão global acentuou ainda mais o fortalecimento do dólar contra a maior parte das moedas no mundo, inclusive Real, e trouxe à luz problemas de diversas empresas brasileiras com derivativos cambiais, cujas perdas eram exponenciais quanto maior a depreciação do Real com relação ao dólar, e o real se depreciou no terceiro trimestre cerca de 20%; e (iii) fluxo vendedor ainda decorrente de resgates, o que é difícil quantificar, mas certamente ainda é um fator de relevância.

Atento ao cenário macroeconômico internacional e doméstico, diga-se, um dos diferenciais comparativos no processo de investimento dos fundos de renda variável da QUEST, o Fundo Quest Ações FIA teve queda de 13,9% no mês de outubro, o que significa um desempenho de quase 11 pontos percentuais acima do índice. Este excepcional desempenho relativo foi fruto de nossa apreensão de que as numerosas iniciativas dos diversos Bancos Centrais no mundo seriam capazes de mitigar o *stress* no sistema financeiro, mas, ao mesmo tempo, faria com que o foco dos investidores se deslocasse para os danos causados à economia real, o que poderia ter impacto negativo na bolsa brasileira, extremamente dependente do preço das *commodities*. Diante deste cenário, optamos por uma estratégia conservadora, alocação em caixa, e focada em empresas geradoras de caixa e pagadoras de dividendos, com destaques positivos para os setores de logística, como CCR, e energia elétrica, como Eletropaulo.

No fim do mês, quando o índice chegou ao patamar de 29.500 pontos, dia 27, queda de 40,6% em outubro, achamos que muitos dos riscos mencionados no parágrafo inicial estavam precificados e que a eleição norte-americana poderia ser um catalisador positivo, razão para começarmos a migrar para papéis cujo *valuation* estava bastante atrativo e tinham beta mais elevado, tais como ALL, NET e para as empresas de *commodities*, estratégia que também se revelou acertada e contribuiu para o desempenho do fundo em outubro.

Realizamos a migração para o setor de *commodities* naquele momento porque percebemos que algumas ações estavam extremamente descontadas, já incorporando cenário bastante pessimista. Numa avaliação bottom-up, como a precificação por valor de reposição e por Ebitda/ton de *low cycle*, identificamos algumas empresas que estavam sendo negociadas pela metade do seu custo de reposição e já mostravam potencial de valorização quando utilizávamos Ebitda/ton de 2000, período anterior ao *boom* das *commodities*.

Afora o cenário macroeconômico, o desempenho do índice no mês foi afetado também pela exposição de algumas empresas a posições em derivativos cambiais muito além de suas necessidades como exportadoras. Foram os casos de Aracruz, perdas de mais de USD2,0 bilhões, e Sadia, perdas de mais de R\$900 milhões mas ainda exposta a variação cambial por ter posições em aberto da ordem de USD 2,4 bilhões. Além destas duas empresas, mais notórias, algumas outras, que nem exportadoras eram, também fizeram uso de instrumentos conhecidos como duplo indexador, o que diminuía o custo de financiamento destas empresas desde que o real não se depreciasse contra o dólar, risco que empresas de construção civil e congêneres, cujas receitas são integralmente em reais, jamais deveriam estar expostas, mas estavam e terão seus resultados impactados pela forte depreciação do real. Outras também afetadas foram aquelas com dívidas em dólar, sem hedge, e receitas totalmente em reais; o caso mais notável foi o de CESP, com dívida de cerca de USD1,2 bilhões. Também os bancos, por serem contraparte destes instrumentos de financiamento, cuja exposição total era difícil de quantificar¹, e pela crise global de crédito e liquidez, tiveram desempenho bastante negativo no mês, forçando inclusive o BACEN a tomar diversas iniciativas de redução de compulsórios e estímulo à venda de carteiras de crédito para que a questão de liquidez não se transformasse em um problema de solvência ao longo do tempo, especialmente para os bancos pequenos e médios.

¹ Dois dos grandes bancos privados, anteciparam seus resultados trimestrais para o início de novembro a fim de tornar mais transparente ao mercado o tamanho de suas exposições.

Novamente, vale a menção de que o processo de investimento em renda variável da QUEST leva em consideração a governança corporativa das empresas, atribuímos prêmio de até 20% para empresas com alta governança, e nunca deixamos de analisar o perfil de endividamento das empresas, o que nos fez antecipar e evitar empresas com risco cambial tão logo nosso cenário de apreciação do dólar se fez mais claro. Evidente que nos surpreendeu, e ao mercado, o fato de empresas como a Aracruz, com boa governança e cuja venda estava praticamente concluída para a VCP, ter tamanha exposição em derivativos, ainda que nenhum de nossos fundos tivesse posição nesta companhia.

Por fim, ressaltamos que a prudência que pautou nosso bom desempenho em outubro deve permanecer nos próximos meses porque, ainda que em termos fundamentalistas alguns ativos estejam de fato mal precificados no Brasil, esta crise nos ensinou que, embora sejam os fundamentos o que nos deve guiar para nossas decisões de investimento de longo prazo, no curto prazo, diante de uma crise que talvez só encontre paralelo com a de 1929, de nada vale confiar cegamente nos fundamentos posto que em momentos de tamanha incerteza, desconfiança e nervosismo, a natureza humana não necessariamente se pauta pela racionalidade.

5. Estratégia Long & Short

Os Fundos Quest Long Short (LS) e Quest Equity Hedge (EH) tiveram desempenho no mês de 1,44% e 2,86%, respectivamente, resultados bastante positivos e bem superiores ao CDI do mês. O principal racional para tão bom desempenho foi, como dito acima na carta do FIA, a rápida apreensão que tivemos com relação aos efeitos da crise de crédito sobre a economia real, que nos levou desde o início de setembro a posições compradas em empresas geradoras de caixa, especialmente aquelas pagadoras de dividendo, e vendidas em empresas tomadoras de caixa. Ao fim do mês, quando o índice chegou a atingir 29.435 pontos, dia 27, concluímos que o movimento estava exagerado e nos tornamos mais otimistas com alguns papéis da bolsa e o índice.

A razão do diferencial de desempenho dos dois fundos da estratégia Long & Short foi, além da exposição bruta maior, o componente direcional presente no Equity Hedge e nossa estratégia de ficarmos liquidamente vendidos em até 5% no início do mês e termos invertido para uma posição líquida comprada em até 5% nos últimos dias do mês.

Em termos setoriais, consumo, energia elétrica e logística foram os destaques positivos e telefonia, mídia e tecnologia o principal destaque negativo. Em consumo, vale a menção ao bem-sucedido par comprado em Lojas Renner e vendido em B2W e Lojas Americanas (LAME). O racional para o par foi baseado em momento e fundamento. Por fundamento em função de *valuation* (Renner estava bem mais barata que LAME e/ou BTOW) e necessidade de caixa (B2W é tomadora de caixa pela alta necessidade de capital de giro e LAME gera muito pouco caixa como proporção de seu valor de mercado e é alavancada). Por momento porque Renner estava pressionada pela alavancagem resultante da aquisição da Leader, mas o cancelamento da transação a tornou um ativo mal precificado e caixa líquido. Em energia elétrica e logística, o racional a pautar nossas escolhas foi *valuation*, visibilidade quanto ao resultado e potencial pagamento de dividendo. Em telefonia e mídia, o equívoco foi confiar no *valuation* muito atrativo, especialmente quando comparado com as empresas internacionais.

Conforme dito na carta do FIA, embora muitos ativos no Brasil nos pareçam fundamentalmente mal precificados, o momento ainda é de muita volatilidade e o fluxo ainda pode preponderar sobre o fundamento nos próximos meses. Por esta razão, o tamanho de nossas posições em pares, cuja volatilidade está muito elevada, é sempre menor que o tamanho de nossas convicções em termos de fundamento, mas estamos atentos às diversas oportunidades que vêm surgindo depois desta correção de preços dos ativos em Bolsa e ainda bastante prudentes para analisar os desdobramentos recessivos da crise atual.

6. Atribuição de Performance – Outubro de 2008

Quest 1 FIM	
Bolsa	0,17%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	0,20%
Outras moedas	-0,01%
Outros ativos ex-Brasil	-0,03%
Inflação Brasil	0,06%
Juros Brasil	-0,03%
Caixa	1,03%
Despesas	-0,06%
Custos	-0,14%
Rentabilidade Líquida	1,20%

Quest 30 FIM	
Bolsa	0,21%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	0,39%
Outras moedas	0,00%
Outros ativos ex-Brasil	0,03%
Inflação Brasil	0,05%
Juros Brasil	-0,08%
Caixa	1,05%
Despesas	-0,03%
Custos	-0,19%
Rentabilidade Líquida	1,43%

Quest Macro 30 FIM	
Bolsa	0,15%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	0,31%
Outras moedas	0,06%
Outros ativos ex-Brasil	0,00%
Inflação Brasil	0,00%
Juros Brasil	-0,06%
Caixa	1,59%
Despesas	-0,02%
Custos	-0,19%
Rentabilidade Líquida	1,82%

Quest Ações FIA	
Agronegócio	-0,01%
Bens de Capital	-0,47%
Construção Civil	-0,01%
Consumo	-1,96%
Elétricas e Saneamento	-0,27%
Inst. Financeiras e Seguros	-4,40%
Logística e Transportes	2,56%
Mineração e Siderurgia	-1,53%
Papel e Celulose	-0,01%
Petróleo, Gás e Petroquímica	-4,25%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	-3,87%
Caixa	0,45%
Despesas / Custos / Juros	-0,19%
Rentabilidade Líquida	-13,95%

Quest Long Short 30 FIM	
Agronegócio	0,01%
Bens de Capital	0,01%
Construção Civil	0,09%
Consumo	0,24%
Elétricas e Saneamento	0,10%
Inst., Financeiras e Seguros	-0,06%
Logística e Transportes	0,38%
Mineração e Siderurgia	0,21%
Papel e Celulose	-0,02%
Petróleo, Gás e Petroquímica	-0,21%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	-0,29%
Caixa	1,12%
Despesas / Custos / Juros	-0,15%
Rentabilidade Líquida	1,44%

Quest Equity Hedge 60 FIM	
Agronegócio	0,02%
Bens de Capital	0,02%
Construção Civil	0,17%
Consumo	0,43%
Elétricas e Saneamento	0,22%
Inst., Financeiras e Seguros	0,01%
Logística e Transportes	0,60%
Mineração e Siderurgia	0,74%
Papel e Celulose	0,00%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,03%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	-0,26%
Caixa	1,05%
Despesas / Custos / Juros	-0,18%
Rentabilidade Líquida	2,86%

Quest Iporanga 15 FIM	
Bolsa	0,11%
Dólar	0,65%
Outras Moedas	0,00%
Inflação Brasil	0,00%
Juros Brasil	-0,33%
Caixa	1,13%
Despesas	-0,09%
Custos	-0,17%
Rentabilidade Líquida	1,29%

Itens que compõem Despesas: corretagem, taxas (exceto taxas referidas em custo), cartório, impressos e demais despesas; e Custos: taxas administração, performance e custódia.

7. Histórico de Performance:

QUEST 1 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2004	1,79%	2,13%	1,15%	1,23%	1,77%	0,86%	1,06%	1,38%	1,45%	0,96%	1,53%	1,75%	18,45%	114,05%
2005	1,34%	1,82%	1,01%	1,18%	1,76%	1,15%	1,23%	1,35%	1,69%	1,14%	1,78%	1,88%	18,78%	98,87%
2006	3,55%	3,06%	0,50%	2,54%	-1,09%	1,75%	1,53%	2,10%	1,00%	1,76%	1,55%	1,97%	22,11%	146,97%
2007	0,98%	0,88%	1,37%	2,76%	2,54%	0,43%	1,01%	-0,50%	1,41%	2,15%	-0,06%	-0,15%	13,54%	114,48%
2008	-0,25%	0,35%	-2,52%	1,56%	1,26%	-0,73%	-0,19%	0,52%	1,25%	1,20%			2,41%	24,03%

Início do fundo: 02/07/2001

QUEST 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2004										0,71%	2,90%	2,50%	6,22%	191,44%
2005	1,34%	2,83%	0,62%	0,87%	2,19%	0,48%	0,88%	1,08%	2,14%	0,84%	2,83%	2,55%	20,27%	106,71%
2006	5,78%	4,49%	-0,27%	3,94%	-3,04%	2,37%	2,01%	3,01%	1,09%	2,47%	2,05%	2,89%	29,97%	199,22%
2007	1,06%	1,02%	1,76%	4,53%	4,09%	-0,10%	1,20%	-2,14%	2,23%	3,57%	-0,80%	-0,69%	16,65%	140,85%
2008	-1,27%	0,20%	-5,32%	1,61%	1,57%	-2,18%	-0,48%	0,48%	1,31%	1,43%			-2,85%	n.a.

Início do fundo: 19/10/2004

QUEST MACRO 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007										2,35%	-0,46%	-0,78%	1,10%	41,78%
2008	-0,35%	-0,58%	-3,33%	1,43%	1,46%	-1,38%	0,25%	0,65%	1,34%	1,82%			1,22%	12,11%

Início do fundo: 16/10/2007

QUEST AÇÕES FIA														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	Ibov.*
2005						0,98%	1,32%	7,34%	9,82%	-1,19%	10,15%	6,85%	40,25%	28,99%
2006	9,34%	7,80%	-1,17%	19,53%	-6,44%	-1,43%	1,58%	2,44%	1,89%	8,25%	6,41%	9,84%	72,26%	33,73%
2007	2,22%	3,53%	4,45%	8,09%	7,92%	3,62%	4,80%	0,21%	9,20%	9,80%	-1,84%	3,10%	70,25%	43,68%
2008	-9,75%	8,24%	-8,97%	8,64%	10,37%	-4,70%	-6,73%	-7,22%	-11,08%	-13,95%			-32,73%	-41,68%

Início do fundo: 01/06/2005 * Ibovespa Médio até 2007 / Ibovespa Fechamento em 2008

QUEST LONG SHORT 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007	2,08%	4,86%	1,24%	2,19%	2,65%	1,63%	3,73%	1,00%	0,72%	2,75%	0,58%	2,18%	28,74%	243,08%
2008	-0,70%	1,09%	-1,93%	1,16%	1,66%	1,11%	-0,08%	-0,20%	1,70%	1,44%			5,32%	52,97%

Início do fundo: 28/12/2006

QUEST EQUITY HEDGE 60 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007												2,87%	2,87%	342,31%
2008	0,77%	1,56%	-2,61%	1,44%	1,97%	1,36%	-0,36%	-0,52%	2,75%	2,86%			9,49%	94,51%

Início do fundo: 30/11/2007

QUEST IPORANGA 15 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007											0,31%	0,99%	1,30%	114,61%
2008	0,35%	1,22%	1,19%	1,86%	1,14%	0,67%	1,95%	1,02%	1,08%	1,29%			12,42%	123,72%

Início do fundo: 21/11/2007

Para mais informações entrar em contato com:

Fone: +55 11 3526-2250 email: comercial@questinvest.com.br

As informações contidas neste material são de caráter meramente e exclusivamente informativo, não se tratando de qualquer recomendação de compra ou venda de qualquer ativo negociado nos mercados financeiro e de capitais. A QUEST não se responsabiliza pelas decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste material. A Quest Investimentos Ltda, não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimentos ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. As rentabilidades divulgadas não são líquidas de impostos. Todos os fundos de investimento geridos pela Quest Investimentos Ltda, utilizam estratégias com derivativos como parte integrante de suas política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Nenhum fundo conta com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. Para avaliação da performance do fundo de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Riscos gerais: em função das aplicações do fundo, eventuais alterações nas taxas de juros, câmbio ou bolsa de valores podem ocasionar valorizações ou desvalorizações de suas cotas. Para obtenção do Regulamento, Histórico de Performance, Prospecto, além de eventuais informações adicionais, favor entrar em contato com a administradora dos fundos da Quest Investimentos Ltda.